

**A MULHER TREINADORA SÓ GANHA O RESPEITO QUANDO PROVA
QUE É BOA:**

NARRATIVAS DO PRESENTE E PERSPECTIVAS DE FUTURO


**WOMEN COACHES ONLY EARN RESPECT WHEN THEY PROVE THAT
THEY ARE GOOD:**


PRESENT NARRATIVES AND FUTURE PERSPECTIVES

**LAS ENTRENADORAS SOLO SE GANAN RESPETO CUANDO
DEMUESTRAN QUE SON BUENAS:**

NARRATIVAS PRESENTES Y PERSPECTIVAS DE FUTURO

Marília Baldoino dos Santos


<https://orcid.org/0009-0001-6957-6265> 

<https://lattes.cnpq.br/3786478008528309> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

mariliabs7@gmail.com

Lilian Aparecida Ferreira

<https://orcid.org/0000-0001-8517-4795> 

<http://lattes.cnpq.br/5593652376712829> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

lilian.ferreira@unesp.br

Resumo

O trabalho teve como objetivo identificar e analisar as perspectivas de treinadoras no futebol de mulheres no Brasil acerca da construção de suas narrativas sobre o presente e o futuro da/na profissão. Foram entrevistadas cinco treinadoras atuantes no futebol de mulheres das séries A e B do campeonato brasileiro de 2021. A pesquisa assumiu a abordagem qualitativa e a característica descritiva-interpretativa. Os resultados evidenciaram considerações a respeito do presente marcado por dificuldades de manutenção do trabalho, machismo, baixos salários, bem como, de perspectivas de futuro assentadas nas persistências na profissão e esperanças em torno da carreira de treinadoras no Brasil. Conclui-se que, mesmo diante de grandes barreiras, as treinadoras têm orgulho de pertencerem a esse espaço e enxergam com expectativas positivas o futuro da profissão e da modalidade.

Palavras-chave: Gênero; Cargos de Liderança no Futebol; Enfrentamentos; Machismo.

Abstract

The aim of the work was to identify and analyze the perspectives of coaches in women's football in Brazil regarding the construction of their narratives about the present and the future in/of the profession. Five coaches working in women's football in series A and B of the 2021 Brazilian championship were interviewed. The research took a qualitative approach and a descriptive-interpretative characteristic. The results highlighted considerations regarding the present marked by difficulties in maintaining work, machismo, low wages, as also, the future settled in persistence in the profession and hopes surrounding the career of coaches in Brazil. It is concluded that, even in the face of great barriers, the coaches are proud to belong to this space and see the future of the profession and the sport with positive expectations.

Keywords: Gender; Leadership Positions in Football; Confrontations; Male Chauvinism.

Resumen

El objetivo del trabajo fue identificar y analizar las perspectivas de los entrenadores de fútbol femenino en Brasil sobre la construcción de sus narrativas sobre el presente y el futuro en/de la profesión. Fueron entrevistados cinco



entrenadores que actúan en el fútbol femenino en las series A y B del campeonato brasileño de 2021. La investigación tuvo un enfoque cualitativo y de carácter descriptivo-interpretativo. Los resultados resaltaron consideraciones sobre la actualidad marcada por dificultades para mantener el trabajo, machismo, bajos salarios, así como, las perspectivas de futuro establecidas en persistencia en la profesión y esperanzas en torno a la carrera de los entrenadores en Brasil. Se concluye que, aún frente a grandes barreras, los entrenadores se sienten orgullosos de pertenecer a este espacio y ven el futuro de la profesión y del deporte con expectativas positivas.

Palabras clave: Género; Posiciones de Liderazgo en el Fútbol; Enfrentamientos; Chovinismo Masculino.

INTRODUÇÃO

Segundo Guterman (2013) o futebol se mostra como uma das maiores paixões do povo brasileiro e que carrega consigo uma identidade nacional gigantesca. Mas de qual, dentre os diversos tipos de futebol, estamos falando quando fazemos essa afirmação? O futebol de mulheres, para Kessler (2012), faz parte de uma camada de menor apelo nacional quando se compara ao futebol praticado por homens.

De acordo com Wenez e Martins (2020), em pleno século XXI, as pessoas ainda se surpreendem quando veem uma menina jogando bola, isso em qualquer espaço, seja profissional ou de lazer. A estranheza se acentua ao buscarmos uma mulher sendo gestora, torcedora, espectadora, árbitra ou treinadora (KESSLER, 2012; GUTERMAN, 2013; WENETZ; MARTINS, 2020).

Para compreender brevemente esse cenário, Kessler (2020) relata que o futebol praticado por mulheres viveu quase quarenta anos de proibição de sua prática de 1941, com o decreto da lei nº 3199 do Conselho Nacional de Desportos, até 1979, década em que houve um fortalecimento dos movimentos feministas e sindicais. Mesmo anos depois do término do decreto, o futebol de mulheres ainda não conseguiu se desenvolver por completo. Entendemos por completo, a valorização salarial de todas as pessoas envolvidas, espaço e materiais de treino adequados, entre outros. Isso se revela com mais potência quando constatamos o baixo número de mulheres que jogam futebol no Brasil de forma organizada ao compararmos com outros países da América Latina. A Argentina e a Venezuela, países geograficamente bem menores que o Brasil, apresentam um número maior de jogadoras. Para Kessler (2020), esse número apenas reflete o descaso que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tratou (e continua tratando!) o futebol de mulheres.

As mulheres enfrentam, historicamente, uma maior dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, uma vez que ainda há uma cultura na qual elas são reconhecidas como responsáveis pela maternidade e pelos cuidados com a casa, devendo, quando não exclusivamente, conjugar essa função com outro(s) trabalho(s).





Tal cenário traz significativas influências em vários campos, dentre eles, o da formação e atuação de treinadoras de futebol. Particularmente no âmbito da profissão de treinadoras de futebol de mulheres, em especial no Brasil, há, nitidamente, um processo em desenvolvimento, uma vez que os homens ainda aparecem como a maioria nesse cenário (FERREIRA et al., 2013).

Essa falta de oportunidades ou exclusões para ocupar cargos nos diversos espaços de atuação profissional, não é diferente nos cargos de liderança esportiva (GOELLNER; KESSLER, 2018).

As características consideradas "masculinas", tendem a ser mais valorizadas dentro desse contexto de liderança como, por exemplo, ter uma postura mais rígida, impor autoridade e manifestar comportamentos agressivos, colocando as mulheres numa condição naturalizada que as associa com um conjunto de padrões de comportamento que as fragiliza e as inferioriza. Por essa perspectiva, se coloca em xeque as feminilidades e sexualidades das mulheres, associando-as com um constante questionamento de suas competências profissionais (FERRERA et al., 2015; PASSERO et al., 2020; NOVAIS; MOURÃO, 2020).

De acordo com Ferreira e colaboradores (2013), o perfil esperado para mulheres na ocupação de cargos de liderança no âmbito esportivo tem sido marcado por uma mulher sem filhos, solteira e que possua outra profissão, pois o salário correspondente não costuma ser suficiente para manter as demandas familiares. Essas barreiras tendem a contribuir para ampliar as dificuldades das mulheres em conciliar a vida profissional com a vida pessoal.

Diante desse cenário, as mulheres podem acabar aceitando a exclusão, desistir do sonho profissional e contribuir para dar continuidade a uma reserva de mercado para os homens (FERREIRA et al., 2013).

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar as perspectivas de treinadoras no futebol de mulheres no Brasil acerca da construção de suas narrativas sobre o presente e o futuro da/na profissão.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com característica descritiva-interpretativa. Para Stake (2011), o estudo qualitativo possui algumas características específicas, que podem ser resumidas em: a) interpretativo, pois fixa-se nos significados das relações humanas dentre diferentes pontos de vista; b) experiencial, sendo empírico e direcionado ao campo; c)





situacional, devido ao fato de estar direcionado às atividades e aos objetos em contextos únicos; d) é personalíssimo, porque é empático ao outro e tenta compreender percepções individuais.

Dentro do espectro das pesquisas qualitativas, esta investigação se alinha ao estudo descritivo interpretativo, na medida em que, a interpretação é uma ação de composição, ou seja: “[...] as melhores interpretações serão extensões lógicas de uma simples descrição, mas também incluirão a extensão contemplativa, especulativa e até mesmo estética” (STAKE, 2011, p. 65)

As participantes do estudo foram cinco treinadoras das equipes de futebol para mulheres das séries A e B do campeonato brasileiro do ano de 2021. Esse processo de seleção se deu com base na análise de 26 súmulas (oito da série A e 18 da série B) dos jogos de futebol do campeonato já especificado, disponíveis no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Como essa pesquisa foi realizada no dia 14 de junho de 2021, as 26 súmulas identificadas se relacionavam com o número total de documentos disponíveis naquela data a respeito da rodada de jogos (rodada 14 e 15 da série A e rodada 5 da fase de grupos da série B). Em seguida, foi enviado um convite formal por meio do *Instagram* e *Whatsapp* às 14 treinadoras. Destas, nove mulheres aceitaram participar da pesquisa, todavia, somente cinco efetivamente se disponibilizaram a fazer as entrevistas.

A técnica de coleta empreendida foi a entrevista semiestruturada, caracterizada, segundo Creswell (2010), pela situação frente a frente entre pesquisador e participante, envolvendo questões com maior abertura, suscitando as revelações de opiniões e concepções dos participantes. As entrevistas, realizadas individualmente, se efetivaram por meio da plataforma *Google Meet* em virtude de, à época do estudo, ainda estarmos vivendo o contexto pandêmico da Covid-19 e, por isso, zelarmos pela preservação da saúde tanto das entrevistadas quanto das pesquisadoras. A entrevistadora, ainda que fosse atleta amadora de futebol, tivesse experiência com iniciação esportiva e apreciasse, como espectadora, a modalidade, não tinha trânsito nesse campo teórico de investigação.

O roteiro de perguntas da entrevista foi dividido em três subgrupos: identificação pessoal e acadêmica; trajetória profissional; percepções sobre ser treinadora no futebol de mulheres no Brasil.

Os dados das entrevistas, após transcrições literais, foram lidos, relidos, ordenados e classificados de forma dedutiva com base no que se mostrava alinhado entre si e articulado





ao objetivo da pesquisa. Para esse artigo especificamente, sobretudo em virtude do espaço disponível no periódico, decidimos prestigiar os elementos das narrativas que destacaram o presente e o futuro da/na profissão de treinadoras.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da universidade envolvida com o parecer 4.903.813.

Para a preservação das identidades das treinadoras, elas escolheram para si um nome fictício. O Quadro 1 apresenta a caracterização do grupo que constituiu o estudo.

Quadro 1 – Características das participantes do estudo

Nome fictício	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de Atuação	Divisão
Camila	31 anos	Graduada em Ciências da Saúde e Mestrado em Cinesiologia	8 anos	Série B
Clara	45 anos	Graduada em Educação Física	12 anos	Série B
Roberta	30 anos	Graduada em Educação Física	3 anos	Série A
Jessica	42 anos	Graduada em Educação Física	7 anos	Série A
Angélica	42 anos	Graduada em Educação Física	1 ano	Série B

Fonte: construção das autoras.

Dentre as características gerais das mulheres entrevistadas, podemos identificar um perfil de idade entre 31 e 45 anos. Todas elas com formação inicial concluída na graduação em Educação Física ou área correlata e um tempo de atuação profissional que variava de um há 12 anos de trabalho no campo, demonstrando preocupação com uma trajetória acadêmica em prol do fortalecimento da atuação enquanto treinadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao final das transcrições das entrevistas e no processo de análise dos dados, foram estabelecidas articulações entre os resultados encontrados e os referenciais teóricos, tendo como base o objetivo do estudo. A partir dessa interlocução, foram criados os dois focos de análise a serem apresentados nesse artigo, sendo eles, o presente e o futuro da/na profissão de treinadoras no futebol de mulheres.





Com relação às perspectivas das treinadoras sobre o presente, o salário foi um dos tópicos destacado, revelando uma situação de precário reconhecimento financeiro e de ausência de pagamento pelos serviços prestados.

Cumprido informar que os nomes das equipes nas quais as treinadoras atuavam também foram alterados para garantir o anonimato exigido pela regulamentação da ética nas pesquisas com seres humanos

[...] aqui no Laranja eu recebo mais ou menos 2.500 (reais) mais 1.200 (reais) de auxílio moradia, mais vale alimentação e todos os benefícios, que envolve a carteira assinada, mesmo assim, comparado com outros times mais organizados, ainda é pouco [...] (CAMILA).

Eu acredito que não tenho problema em falar sobre isso (salário), eu sempre tive a situação da equipe vinculada a uma situação da prefeitura, então hoje eu sou concursada na prefeitura na secretaria de esporte e em alguns momentos eles me liberaram para os treinamentos da equipe, então eu contava esse salário separado, mas pelo clube em média de 1.500 a 3.000 reais (ROBERTA)

[...] até o momento, nenhum dos clubes têm remuneração [...] eu, hoje, por ser apaixonada pelo futebol feminino, todo mundo me pergunta 'o que você está fazendo ali trabalhando de graça'. Não ganho nada para estar aqui. Eu creio, e ainda sonho, que a gente vai conseguir mudar essa realidade [...] (ANGÉLICA).

A remuneração não adequada dessas profissionais as obriga a ter outra profissão, não permitindo que o futebol seja o único meio de sustento. Das cinco treinadoras que foram entrevistadas, quatro tinham outra fonte como segunda renda.

Eu trabalho como personal ainda. Ano passado e esse ano, na verdade, a pandemia trouxe um business pra mim que eu não fazia antes [...]. Então eu recebia duas ou três vezes disso do que eu recebia no Vermelho, durante a pandemia. Isso porque, durante a pandemia, eles não conseguiam pagar de forma integral. Então, pra mim, minha fonte de renda era de personal (CAMILA).

[...] A gente tem que fazer outras coisas, hoje em dia dois salários... por isso que a gente não tem foco só no futebol feminino. A gente se dedica totalmente ao futebol feminino, [...], mas aí a gente tem que fazer outras coisas pra complementar as rendas, outros trabalhos [...] (CLARA).

Eu precisei de outro trabalho na secretaria de esportes aqui. Minha maior renda era na secretaria de esportes e eu nunca deixei isso de lado em função da questão financeira mesmo. Eu não consegui até hoje me manter só com o futebol (ROBERTA).



Sim, eu tenho um emprego, eu tenho meu trabalho, trabalho durante o dia das 7h às 14h e os treinos são as 15h, das 15h até 17h30. Então, aí eu tenho o meu emprego, mas à tarde eu vou para os treinos (ANGELICA).

Os resultados, em linhas gerais, mostraram um insuficiente pagamento para o desempenho do papel de treinadoras. Quanto a isto, já há denúncias de que o futebol praticado por mulheres não desfruta de um investimento condizente com a modalidade, tanto no que se refere às leis de incentivo quanto aos patrocínios, o que acaba contribuindo para o baixo investimento no esporte e que, conseqüentemente, repercute no baixo salário, obrigando essas mulheres a buscar outra fonte de renda (NOVAIS; MOURÃO, 2020).

Estudo de Ferreira e colaboradores (2015) também identificou que as mulheres envolvidas com o esporte de alto rendimento não tinham uma remuneração financeira adequada e o salário não se apresentava como um fator motivacional para que continuassem na carreira. Podemos notar com isso que mesmo diante de esforços relativos à qualificação profissional (com graduação e cursos de especialização, por exemplo) para atuar como treinadoras, o reconhecimento financeiro tende a ser menor ao que é oferecido pelos homens (NOVAIS; MOURÃO, 2020).

Outro aspecto que corrobora com essa questão pode se dar pela análise dos recursos financeiros investidos, no ano de 2018, no desenvolvimento da Copa do Mundo de futebol para mulheres. Em tal evento foram investidos 30 milhões de dólares, enquanto na Copa do Mundo de futebol para homens esse valor chegou a aproximadamente 400 milhões de dólares, implicando em valores muitos discrepantes na premiação para a/o campeã/o da competição, sendo 4 milhões de dólares para a equipe vencedora entre as mulheres e 38 milhões de dólares aos homens (SOUZA et al., 2020).

As treinadoras reconhecem que existe uma diferença salarial para menos ao se compararem com os homens atuantes no futebol. Todavia, esse reconhecimento, muitas vezes, vem acompanhado de uma certa aceitação deste cenário com base em dois critérios: o patrocínio e a experiência de atuação dos treinadores homens.

Você tem essa discrepância assim, por exemplo, se eu comparar com o que o treinador do Castanho que é o nosso rival que estava na mesma divisão, talvez, era metade ou um terço do que ele recebe. É um treinador com alguma experiência, mais do que a que eu tenho (CAMILA).

[...] eu sempre procuro falar que, às vezes, a gente ouve as pessoas comparando 'mas as mulheres têm que ganhar igual aos homens aquela valorização, como os homens ganham muito mais que as mulheres'. [...] o futebol feminino, ele, dos últimos 3 anos para cá ele deu um salto gigantesco





assim, de visibilidade, de aceitação dos clubes, cada vez mais, claro que com a obrigatoriedade imposta, mesmo assim, os clubes eles estão investindo [...]. Hoje a gente vê jogadores ganhando um milhão, 800 mil, fora daqui ainda é mais, né?! Isso porque as marcas que patrocinam o futebol masculino têm o retorno. É claro que a gente tá em passos mais lentos, [...] (JESSICA).

Numa outra vertente, uma das entrevistadas cita a obrigação dos clubes na implementação do futebol de mulheres exigido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e promovido pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL). Tal medida foi tomada visando dar maior visibilidade e integração ao futebol de mulheres e, para isso, os clubes teriam até o ano de 2019 para que a modalidade fosse iniciada. Para os clubes que não atendessem essa obrigatoriedade, seriam aplicadas sanções. Entretanto, de acordo com De Souza e colaboradores (2020), no Brasil, essa obrigatoriedade foi imposta apenas para os clubes que estivessem na série A do campeonato brasileiro, na Libertadores da América e na Copa Sul-americana, reduzindo o número de clubes com esse compromisso. Ainda falando sobre o território brasileiro, esses movimentos são recentes, pois foi apenas no ano de 2016 que a Confederação Brasileira de Futebol fez reconhecer a importância do desenvolvimento da modalidade de futebol praticado por mulheres no país (BARREIRA et al., 2020).

Alinhado a esse processo que carece de um tempo de construção, mas, sobretudo de legislação e apoio formalizados e colocados em prática, identificamos como o machismo ainda está presente no âmbito do futebol de mulheres, uma vez que os gestores e as equipe esportivas seguem sendo majoritariamente masculinas, exigindo muito das mulheres.

[...] uma vez, em reunião, nós estávamos falando sobre equipamentos com a diretoria depois do brasileiro. Eu comentei que eu queria mais pratinhos, que são os cones pequenos. E eu coloquei que precisava 'de cores diferentes'. Um diretor disse: 'isso é coisa de mulher' ... aí eu disse 'se isso fosse coisa de mulher vocês só teriam duas cores ali no profissional (masculino) e vocês tem cinco [...]Eu tenho que chegar lá e educar, senão eu vou me tornar a pessoa que está... quase... sei lá... entre aspas chata, mas eu olhei pra cara dele e falei 'putz nada a ver'. [...] nunca tive problemas grandes, eu sei que muitas treinadoras têm, eu nunca tive, não sei se isso é sorte, se isso foi capacidade de argumentar certas coisas, não sei se é minha personalidade, não sei te dizer. (CAMILA).

Para Goellner (2005), em um ambiente marcado por tradições e hábitos masculinos, a presença das mulheres tende a se constituir como ameaça, na medida em que vigora um modelo social no qual elas devem ser submissas/inferiores e não dominantes. Em tal contexto, a mulher sofre com a falta de oportunidades e a vivência recorrente de situações de exclusão, especialmente na ocupação de cargos de liderança (PFISTER; 2010). Kessler (2012) e Ferreira e colaboradores (2013) confirmam que, no âmbito do comando esportivo, os homens





ainda são maiorias, incluindo cargos de direção, levando a uma naturalização desses espaços e ao contínuo questionamento da capacidade das mulheres que, eventualmente, conseguem acesso ao posto.

A mulher na posição de líder, nesse caso como treinadora esportiva, acaba tendo que apresentar uma maior preparação para demonstrar capacidade de enfrentar e resistir às diversas demandas que vão além de sua atuação profissional em si. Como aponta Ferreira e colaboradores (2015), essas exigências estão relacionadas à desconfiança de sua competência, exigindo que, a todo momento, ela garanta o seu “selo de qualidade” de competência. Nesse sentido, a ausência de mulheres em cargos de destaque dentro de clubes acaba alimentando uma cadeia de manutenção e continuidade de exclusão de gênero (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016a).

Mesmo diante dos cenários apresentados, as entrevistadas destacaram muito orgulho da posição na qual se encontravam, relatando as satisfações em torno de “ser uma treinadora de futebol de mulheres no Brasil”.

[...] minha posição nesse momento, é de completo encontro. Isso porque, hoje em dia, eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa [...]. Estar no campo, dando treino, evoluindo as ideias, têm sido muito bom para mim. É uma realização ser e fazer parte da elite do futebol [...] (CAMILA).

É um cargo de muita responsabilidade, até porque a gente está no país do futebol e sabe o quanto lutou para conseguir chegar nesse momento que a gente está. Eu vejo que as coisas estão melhorando muito, mas acredito que só quem tem muita persistência e corre atrás realmente, e vê que aquilo ali que tu queres pra ti, consegue estar hoje à frente de um grande clube [...] (JÉSSICA).

[...] não foi fácil o ano, mas eu coloquei na minha cabeça que eu continuaria no futebol e eu tenho buscado isso, [...]. Algumas portas se abriram após o Roxo, serie 1, mas nenhuma que fizesse brilhar os olhos para continuar a carreira e mudar de cidade e tudo mais. Então, eu acredito que ainda eu espero a oportunidade certa, acredito que ela virá. Eu busco que a mulher só cresça, seja forte, resiliente, que resista, porque os dias melhores sempre vem. As dificuldades [...], isso é só para fortalecer [...] (ROBERTA).

Ganham destaques nas falas das treinadoras os enfrentamentos em torno das questões de gênero numa convivência em um ambiente machista, mesmo se tratando de um esporte praticado por mulheres.

[...] é muito difícil porque você acaba tendo que matar um leão por dia e provar todos os dias que você tem capacidade. Não que isso seja o principal problema, até porque uma das principais características da mulher é que ela é muito resiliente e eu acredito muito que a mulher tem essa força de





enfrentar várias situações, mas o ambiente é muito masculino, muito masculino mesmo [...]. Dentro do futebol, o seu estereótipo é colocado o tempo inteiro à prova. Você já é colocada como alguém protocolada, rotulada. [...] Não é um ambiente fácil em nenhum momento. Confesso que já pensei em desistir algumas vezes, mas enquanto o sonho é maior dentro da gente, a gente continua [...] (ROBERTA).

[...] eu diria que todo grupo de minoria tem que ser 10 vezes melhor do que a maioria ali. Então, eu estou ciente que como mulher eu preciso... eu não vou chegar lá com respeito. Tem uma frase que eu amo de um artigo que fala assim 'O homem chega para dar treino e ele só perde o respeito depois que ele prova que é ruim, a mulher chega para dar treino e ela só ganha o respeito quando ela prova que ela é boa' então eu tenho ciência disso, eu não vou brigar, não vou... sei que para ganhar certo respeito eu tenho que realmente provar. Pra ganhar certo respeito dentro de uma sala de diretoria eu tenho que aprender a argumentar, eu tenho que fazer sentido dentro do meu diálogo [...] (CAMILA).

Enfrento, enfrento sim, todos os dias. São pessoas que ainda não acreditam no seu conhecimento, na sua experiência, desconfiam. Como eu falei no início, até as próprias atletas, algumas delas ainda tem esse receio, porque as mais experientes então, que passaram a vida jogando nos clubes e nunca tinham nenhuma mulher presente nas comissões, então elas sempre ficam com o pé atrás. Eu demorei um pouco, algo que vai fazer 10 meses [...] que eu estou trabalhando como treinadora e ainda tem meninas que olham de lado quando eu falo algo, mas, como eu falei, eu não vou desistir. Depois ela vê, vai mudando, vai me conhecendo, vai mudando o pensamento, vai mudando a forma de ver as coisas. Ai elas falam sempre assim: 'Eita, ela é mulher, mas ela entende mesmo', esse comentário é um dos piores: 'ela é mulher, mas ela sabe, né?!' [...] (ANGÉLICA).

Nos depoimentos, a presença do machismo é evidenciada no dia a dia do trabalho, não só por parte dos homens, mas também por parte de outras mulheres que são atletas. A associação da conquista do respeito somente após demonstrar conhecimento parece ser um discurso circunscrito às mulheres, mas não aos homens, como foi relatado por uma das treinadoras. Segundo Moura e colaboradores (2010) as treinadoras, em certos momentos, só ganham o respeito quando as outras pessoas percebem que elas sabem de futebol.

Ferreira e colaboradores (2015) reforçam essa mesma perspectiva, a do 'saber fazer', ou seja, saber sobre tática e técnica no futebol não é somente um fator facilitador, mas sim um pré-requisito para conseguir credibilidade. Deste modo, ter sido ex-atleta também pode auxiliar na conquista pelo respeito. Novais e Mourão (2020) identificaram, ao entrevistar sete treinadoras, que só o desejo de continuar trabalhando com o esporte não seria suficiente para sustentar o início de suas carreiras fora dos gramados. Para isso, elas também teriam que apresentar domínio tanto do entendimento técnico/tático do futebol quanto da liderança.





Com relação ao futuro, as treinadoras apresentaram certo otimismo em torno da profissão e do futebol para mulheres como um todo.

[...] o que eu espero para o futebol feminino é que realmente ele tenha o valor que merece, o respeito que merece. Hoje ainda você vê preconceito, e ele tá muito relacionado principalmente à falta de respeito que nós não temos. Para muitos homens, que estão lá no ambiente, no futebol feminino mesmo sendo futebol feminino, ainda é um ambiente masculino, de feminino só têm as atletas... Quem tá lá mandando, ainda são muitos homens. E eu penso no dia da minha apresentação do clube, essa foi uma das minhas falas: O que eu mais quero? Eu não quero estar aqui na frente sendo a única mulher, porque quando eu fui falar eu fiquei à frente, atrás de mim tinham 15 homens [...]. Eu quero estar falando para vocês que estão na minha frente, que eram as meninas, as atletas. E que atrás de mim também sejam mulheres iguais a mim com esse mesmo pensamento de que a gente assuma o nosso lugar naquele local, naquele espaço que é nosso por direito (ANGELICA).

[...] O que eu vejo muito é que tem aumentado o número de mulheres e cada vez mais eu acredito que esse número vai ser maior. A gente percebe que a mulher busca muito o conhecimento e isso acaba tendo mulheres como referência, mulheres campeãs, mulheres que fizeram projetos acontecerem e realmente darem certo. Eu acredito que esse movimento vai ser cada vez maior [...], mas eu acredito que ainda vai ser muito melhor e que, cada vez mais, a mulher vai poder estar inserida nesse meio, pois tem total competência para isso. Acredito muito na mulher e, particularmente, é uma coisa que eu vejo que só vai crescer. Tenho boas perspectivas para o futuro, a realidade hoje não é a ideal, está longe de ser, mas com certeza o futuro é muito promissor. [...] (ROBERTA).

Olha, eu acredito que a cada ano que passa a gente possa ter mais mulheres nos comandos técnicos das equipes de futebol feminino e quem sabe até masculino, por que não?! Então, meu sonho é ver uma treinadora dirigir uma dessas grandes equipes do futebol masculino também. Como eu falei: a gente precisa correr atrás para procurar estar sempre se atualizando, estar sempre buscando conhecimento para quando as oportunidades aparecerem a gente estar preparada (JÉSSICA).

Entre obstáculos e diversos desafios, as treinadoras conseguem enxergar um futuro promissor para a modalidade, encharcadas de esperança, porém com consciência das lutas que terão que travar em prol da construção de suas trajetórias.

A consolidação dessas expectativas assinala para a necessidade do aumento da quantidade de mulheres não só como treinadoras no futebol, mas como analistas de desempenho, fisioterapeutas, árbitras, gestoras e cargos de liderança. Ao pesquisar as súmulas disponíveis no site da Confederação Brasileira de Futebol, em junho de 2021, havia apenas três mulheres atuantes como treinadoras na elite do futebol de mulheres, ou seja, 1,08%,



considerando que no campeonato havia 36 equipes, evidenciando ainda se tratar de um quantitativo muito baixo. Todavia, tais dados demonstram um aumento da participação de mulheres como treinadoras ao serem comparados com os achados do estudo de Passero e colaboradores (2022).

As mulheres vêm demonstrando um conjunto de esforços para atuar na carreira de treinadoras de futebol, entretanto, esse empenho precisa ser conjugado com ações que envolvam políticas públicas que se dediquem efetivamente ao compromisso com a equidade de oportunidades para os diferentes gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres historicamente vêm encontrando dificuldades para a inserção no mercado de trabalho e isso não é diferente para a carreira de treinadora de futebol. Tendo o futebol de mulheres atravessado um nebuloso percurso, desde sua proibição até os dias atuais, reconhecemos que é significativa a sua evolução, ainda assim, o cenário parece estar engatinhando quando comparamos esses percursos com o dos homens.

Os cargos de treinadores/as, em sua maioria ocupados por homens, vem exigindo das mulheres muito mais do que boa qualificação profissional, mas um comportamento de resiliência e perseverança. Os baixos salários, ou a falta dele, a exigência de um segundo emprego, a inferiorização quando comparadas aos homens, o machismo e a reduzida representação quantitativa dentro desses espaços são grandes barreiras enfrentadas diariamente pelas mulheres treinadoras.

Apesar desses desafios, as entrevistadas demonstraram otimismo para pensar a perspectiva de futuro. Essas expectativas esperançosas envolvem mais mulheres presentes no futebol; a superação do machismo; mais respeito ao trabalho das mulheres; melhoria salarial; possibilidade de atuação como treinadoras junto às equipes de futebol para homens.

Ainda que tímidos, pelo baixo número de entrevistadas, os resultados desse estudo defendem uma maior valorização dessas profissionais, reconhecendo a necessidade de um movimento de resistência nesse campo marcado por relações de poder ainda dominado pelos homens. Igualmente com essa investigação, buscamos, com os achados encontrados, inspirar outras pessoas a pesquisarem mais sobre o assunto e a encorajar mulheres a ingressarem na carreira de treinadoras.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Júlia e colaboradores. Conmbebol e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

SOUZA, Gustavo Lopes Pires de e colaboradores. Futebol feminino: espaço em construção. **Acta jurídica peruana**, v. 3, n. 1, p. 75-91, 2020.

FERREIRA, Heidi Jancer e colaboradores. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila Nunes. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of physical education**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2013.

KESSLER, Claudia Samuel. O futebol de mulheres: notas de rodapé. In: MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

_____. Se é futebol, é masculino? **Sociologias plurais**, n. 1, p. 240-254, 2012.

MOURA, Diego Luz e colaboradores. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e sociedade**, v. 5, n. 13, p. 1-22, 2010.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila Nunes. As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil: desafios, estratégias e resistências. In: MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

PASSERO, Julia Gravena e colaboradores. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, p. 1-18, 2020.





PFISTER, Gertrud. Women in sport–gender relations and future perspectives. **Sport in society**, v. 13, n. 2, p. 234-248, 2010.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre, RS: Penso, 2011.

WENETZ, Heana; MARTINS, Mariana Zuaneti. Apresentação. In: MARTINS, Mariana Zuaneti e colaboradores (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para políticas públicas. Curitiba, PR: CRV, 2020.

Dados da primeira autora:

Email: mariliabs7@gmail.com

Endereço: Avenida Barão do Bananal, 950, torre 2, apto. 16, Jardim Anhanguera, Ribeirão Preto, SP, CEP: 14092-012, Brasil.

Recebido em: 27/02/2024

Aprovado em: 06/04/2024

Como citar este artigo:

SANTOS, Marília Balduino dos; FERREIRA, Lilian Aparecida. A mulher treinadora só ganha o respeito quando prova que é boa: narrativas do presente e perspectivas do futuro de treinadoras do futebol de mulheres. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17207, p. 1-14, 2024.

